· U C ·

Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física

- Universidade de Coimbra –

Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Relatório Final de Estágio

Nuno Filipe Carrilho Lopes

2007020965

Coimbra

2011

· U C ·

Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física

- Universidade de Coimbra –

Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Relatório de Estágio Pedagógico desenvolvido na Escola Secundária José Falcão junto do turma do 10º8 no ano lectivo de 2011/2012

Relatório para obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Professora **Maria João Vasconcelos** e co-orientação de Professor **António Cortesão.**

Nuno Filipe Carrilho Lopes

2007020965

Coimbra, Junho de 2012

Esta obra deve ser citada como – Lopes, Nuno (2012). *Relatório Final de Estágio. Dissertação de Mestrado.* Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Agradecimentos

Atingida mais uma meta na minha vida e no meu percurso académico, não posso deixar de agradecer a todos os que contribuíram para que este momento se torne ainda mais especial.

À minha família, sem o apoio e confiança destes durante os 5 anos que passei nesta bela cidade, certamente que não estaria a escrever este relatório. Mais que uma família, vejo os meus pais e o meu irmão como amigos, como aqueles que estarão sempre “lá” quando eu precisar.

À minha mãe que sempre foi um apoio incondicional, preocupada e presente. Obrigado por me teres passado todos os valores que fazem de mim aquilo que sou hoje, obrigado por seres quem és.

Ao meu pai, por teres um papel compreensivo e preocupado “à tua maneira”. Obrigado por me transmitires a calma e ponderação que me caracteriza, obrigado por seres quem és.

Ao meu irmão pelas “dores de cabeça” que me deste, por teres um papel tão importante e especial na minha vida.

Aos meus avós, por terem tido um papel preponderante na minha educação, pelo apoio e carinho que sempre me deram.

A todo os meus amigos, que foram tão importantes em definir a minha personalidade e aquilo que sou hoje, por me terem aturado e por terem partilhado comigo todos aqueles momentos.

À malta da casa “GI”, por todos os anos espectaculares, por todos os momentos que passamos, e por todas as discussões e conversas que acabavam sempre da mesma forma, a rir na bela da sala.

Ao “Mestre” Gravito, ao “velho” do Raul e ao Mário Roxo, “low profile”, Briosa. Sabem que foram importantes, por todos os momentos que partilhamos, com vocês aprendi muito.

Ao “Stampas”, “Serjolas”, “Ismai”, “Coelha” “Anocas”, “Titi”, “Kiskas”, João “d’Eiras”, “Melo” e “Nádi” por me aturado o meu feitio, apesar de tudo

vocês “sabem que tenho razão”. Obrigado pelos momentos indescritíveis que partilhei com todos vocês.

Ao pessoal da minha nova casa, Barreto, Teixeira, Custódio, Teresa, Luís, “Ricadão”, por todos os bons momentos que passamos neste último ano, sem dúvida que foram preponderantes na realização deste estágio.

A toda a malta de 2007, por sermos o melhor ano de sempre.

Aos meus amigos do Entroncamento, apesar de estar muito ausente vocês sabem que são importantes.

Obrigado ao “Vigor”, clube que apostou em mim quando tinha ainda pouco experiencia e conhecimento, estou certo que se não fossem estes 4 anos o meu estágio não teria corrido tão bem. Obrigado o todos os jogadores com que tive o prazer de trabalhar, foram sem dúvida muito importantes na minha formação como professor, treinador e pessoa.

Obrigado à Associação Academica de Coimbra, pela experiencia que esta “casa” me está a proporcionar. A toda a minha equipa que está a fazer desta experiencia inesquecível, acima de tudo ao Ricardo Morgado, José Amável, Francisco Leal, Samuel Vilela, João Seixas, Leila Campos, Letícia Gomes, Hugo “Peruzzi”, Mariana Mesquita, Tiago Martins, Jorge Teixeira, Ricardo Bem-haja, Jonathan Torres, Sara São Miguel e Ângela Ferreira.

Obrigado a todas as outras pessoas que me marcaram nestes 5 anos.

Resumo

O mestrado em Ensino de Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário leva o estagiário a aprofundar mais os seus conhecimentos na área da Educação Física, facilitando formação especializada para que posteriormente venha a saber aplicá-los da melhor forma.

É no Estágio Pedagógico que se dá a aplicação desse conhecimento, sendo este o culminar do segundo ciclo de estudos, podemos dizer que é o completar de um processo de Ensino-Aprendizagem, através de uma aquisição de competências referentes à organização e gestão escolar, projectos e parcerias educativas, estágio pedagógico e respectivo relatório.

Este documento é intrínseco às unidades curriculares de Estágio Pedagógico e de Relatório de Estágio, presentes no plano curricular do 3º e 4º semestre, do segundo ano, do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

O Relatório Final é constituído por partes distintas, inicialmente são descritos os processos levados a cabo pelo Professor Estagiário, de seguida é realizada uma reflexão crítica dos mesmos onde também são apresentadas algumas conclusões, por fim, foi escolhido um tema que se enquadra nos domínios de intervenção da Educação Física escolar. Inicialmente são descritos os processos realizados ao longo do Estágio Pedagógico, onde serão especificados os parâmetros do Planeamento, que envolve toda a estratégia usada no processo de ensino aprendizagem, a Realização, da qual fazem parte as diferentes dimensões da aula. A Avaliação, outro dos parâmetros abordados, esta será caracterizada tendo em conta as suas diferentes fases, por fim a componente ético-profissional, onde é referido a forma como o professor deve encarar a sua profissão. De seguida, é realizada uma reflexão aprofundada dos aspectos inerentes à realização do Estágio Pedagógico, onde são abordados os seguintes factores, justificação das opções tomadas, aprendizagens realizadas, compromisso com as aprendizagens dos alunos, inovação de práticas pedagógicas, dificuldades sentidas, questões dilemáticas, conclusões. Na terceira parte, o tema escolhido, “O ensino dos Jogos

Desportivos Colectivos”, é desenvolvido e posteriormente será analisada a sua aplicação no processo de ensino-aprendizagem, tendo em conta as suas condicionantes, como por exemplo o currículo dos alunos.

Conclui-se então, que o Relatório Final é essencial para que o próprio estagiário perceba como foi a sua prestação ao longo do Estágio Pedagógico, em que aspectos evoluiu e o que podia ter feito de forma diferente para que os processos fossem realizados de melhor forma. Assim, este documento torna-se essencial no processo de formação do Professor Estagiário.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem; Planeamento; Realização; Avaliação; Pedagogia; Ética; Estilos de Ensino; Ensino dos Jogos Desportivos Colectivos.

Abstract

The master's degree in Physical Education Teaching of Basic and Secondary Education leads the trainee to develop further their knowledge in the area of Physical Education, facilitating specialized training so that later come to know to apply them optimally.

It is in the Teacher Training that gives the application of this knowledge, which is the culmination of the second cycle, we can say that it is completing a teaching-learning process, through an acquisition of skills related to school organization and management, projects and education partnerships, teaching practice and its report.

This document is intrinsic to courses for Teacher Training and Training Report, present in the curriculum of the 3rd and 4th semester, the second year, the Masters in Teaching Physical Education in Primary and Secondary School of Sports Science and Education Physics of the University of Coimbra.

The Final Report consists of distinct parts, first describes the processes carried out by Professor Trainee, then made a critical reflection is the same which also presented some conclusions, finally, was chosen a theme that fits in the fields of intervention of Physical Education. Initially described processes are performed during the Teacher Training, which shall specify the parameters of Planning, which involves the whole strategy used in teaching and learning process, the realization of which are part of the different dimensions of the classroom. Evaluation, another of the parameters discussed, this will be characterized taking into account their different stages, finally, the ethical and professional component, which state how the teacher should consider their profession. Next, we present a detailed study of the factors required for completion of Teacher Training, which addresses the following factors, justification of the choices made, made learning, commitment to student learning, innovative teaching practices, difficulties, issues, dilemmas, conclusions. In the third part, the chosen theme, "Teaching Games Sports Collective," is developed and subsequently will examine the application in the teaching-learning, taking into account their limitations, such as the school curriculum.

It follows then, that the Final Report is essential to realize that even the intern as his performance during the Teacher Training, which has evolved and what aspects could have done differently so that the processes be best achieved. Thus, this document becomes essential in the formation of the Teacher Trainee.

Keywords: Teaching and Learning, Planning, Implementation, Evaluation, Education, Ethics, Teaching Styles, Teaching Games Sports Collective.

Eu, Nuno Filipe Carrilho Lopes, aluno nº 2007020965 do MEEFEBS da FCDEFF-UC, venho declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no definido na alínea do artigo 3º do Regulamento Pedagógico da FCDEF.

Índice

1. Introdução 2
2. Expectativas e opções iniciais em relação ao estágio 3
3. Actividades desenvolvidas no Estágio Pedagógico 5
3.1 - Planeamento 5
3.2 - Realização 10
3.3 - Avaliação 15
3.4 - Componente Ético-profissional 19
4. Justificação das opções tomadas 20
5. Aprendizagens realizadas 24
6. Compromisso com as aprendizagens dos alunos 27
7. Inovação de práticas pedagógicas 29
8. Dificuldades sentidas 31
9. Questões dilemáticas 33
10. Conclusões 35
10.1 - Impacto do Estágio na realidade do contexto escolar 35
10.2 – Prática pedagógica supervisionada 35
10.3 – Experiência pessoal e profissional 36
11. Tema 38
11.1 – Fundamentação Teórica 38
11.2 – Justificação da temática 42
11.3 – Análise do problema e objectivo 43
11.4 – Casos particulares 44
11.5 – Conclusão 45
12. Bibliografia 47

1. Introdução

A elaboração deste documento insere-se no âmbito das unidades curriculares de Estágio Pedagógico e Relatório de Estágio, do 3º e 4º Semestres do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Este consiste na elaboração de um relatório representativo de todo o trabalho por mim realizado, como estagiário, na Escola Secundária José Falcão no ano lectivo 2011/2012.

Este relatório encontra-se estruturado em partes distintas, sendo que todas elas abordam aspectos importantes na realização do Estágio Pedagógico. Inicialmente, são descritas as espectativas iniciais relativamente ao Estágio Pedagógico, este parâmetro é importante, pois é o ponto de partida para que o Estagiário perceba como evoluiu ao longo do ano.

Inicialmente é realizada uma descrição cuidada do planeamento que foi necessário realizar no Estágio Pedagógico, quanto à Realização propriamente dita, são abordados assuntos no que diz respeito à instrução, gestão, clima/disciplina e decisões de ajustamento, na Avaliação, são referidas as suas diferentes fases, por fim é abordada a componente ético-profissional.

De seguida, é realizada uma reflexão sobre os conhecimentos adquiridos e práticas realizadas ao longo do Estágio Pedagógico. Nesta são analisados aspectos como, justificação das opções tomadas, aprendizagens realizadas, compromisso com as aprendizagens dos alunos, inovação das práticas pedagógicas, dificuldades sentidas, questões dilemáticas e conclusões

Por fim, o tema por mim escolhido é desenvolvido e analisado tendo em conta a experiencia adquirida no Estágio Pedagógico, procurando sempre ter um espírito critico numa óptica de procura de soluções para que o processo de ensino-aprendizagem seja maximizado.

Concluindo, este Relatório tem como principal objectivo relacionar elementos descritivos e reflexivos dos processos inerentes à realização do Estágio Pedagógico. Podemos então encarar este documento com a complementação final do Estágio Pedagógico, onde é feita uma análise de todos os parâmetros da aprendizagem do próprio estagiário.

2. Expectativas e opções iniciais em relação ao estágio

Quando me candidatei ao Mestrado em Ensino da Educação Físico nos Ensinos Básico e Secundário, estava consciente que iria assumir um compromisso no ensino desta disciplina, principalmente porque o professor assume um papel central no processo de ensino e aprendizagem. De acordo com Machado (1995), no desempenho da sua função o professor, pode moldar o carácter dos jovens e, portanto, deixar marcas de grande significado nos alunos em formação.

Ao longo da minha formação, todas as unidades curriculares foram essenciais, no entanto o Estágio Pedagógico aparece como a mais importante, pois finalmente pôde aplicar todos os conhecimentos aprendidos, foi o passar da teoria à prática. Desta forma, pretendo aprender o máximo durante o Estágio Pedagógico em todas as vertentes, acima de tudo nas que dizem respeito à dimensão profissional e ética, participação na escola, desenvolvimento e formação profissional, e desenvolvimento do ensino e da aprendizagem.

Como aluno estagiário terei como principal objectivo executar o processo de ensino/aprendizagem, baseando-me sempre no Programa Nacional de Educação Física, apoiado nos conhecimentos adquiridos ao longo da minha formação académica, na investigação e na reflexão partilhada da prática educativa, de acordo com as orientações da política educativa. Como professor, e continuando este processo, tenciono maximizar as capacidades físicas e cognitivas específicas da disciplina de Educação Física nos alunos, procurando sempre cumprir com todas as exigências éticas e deontológicas que estão associadas a este cargo. Para que isto seja possível, devo criar um clima favorável ao ensino, incutindo valores de igualdade e respeito, independentemente das suas diferenças culturais ou pessoais, desenvolvendo a sua autonomia enquanto indivíduos de uma sociedade.

Pretendo realizar um trabalho conjunto com todos os professores que estiverem relacionados directamente com a minha turma, pois só assim será possível um bom trabalho junto de cada aluno. Faço intensão de integrar-me

no grupo de trabalho do Departamento de Educação Física, de modo a estar próximo a todas as necessidades que englobam ser professor de Educação Física. Assim, certamente que será possível proporcionar aos alunos aulas com conteúdos coesos, onde se verifique uma boa aprendizagem e prevaleçam valores de inclusão e partilha.

De maneira a suprimir possíveis carências de formação, pretendo planear todos os aspectos que envolvem uma aula de Educação Física, o antes, o durante e o após, só assim será possível enriquecer-me profissionalmente, isto partilhando sempre saberes e experiências, realizando reflexões sobre estas para poder efectivamente melhorar como professor.

Como professor, e com o compromisso assumido de maximizar as aprendizagens dos alunos, preocupa-me a homogeneidade das turmas, esta limita um pouco o processo de ensino/aprendizagem, pois para que sejam desenvolvidas todas as competências dos alunos será necessária uma individualização do ensino. Isto pode ser complicado devido ao grande número de alunos por turma, as diferenças entre eles e aos recursos que algumas escolas apresentam.

Para que consiga realizar um bom trabalho, sei que é muito importante estabelecer uma boa relação aluno-professor, para tal pretendo criar um clima favorável à aprendizagem, onde haja respeito mútuo e cooperação, sempre dinamizando as aulas para que estas sejam motivantes, de modo a existir empenho por parte dos alunos.

Devido à pouca experiencia em ambiente escolar, procurarei sempre ouvir os conselhos do meu orientador e, tendo em conta a minha turma, criar e desenvolver as situações mais apropriadas para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, pois temos de ser nós, professores, a adaptar a aula aos alunos.

3. Actividades desenvolvidas no Estágio Pedagógico

Ao longo do Estágio Pedagógico foram desenvolvidas actividades que podem ser consideradas fundamentais para que o processo de ensino-aprendizagem seja o melhor possível. Estas foram desenvolvidas, para que eu próprio adquira os conhecimentos e competências necessárias para exercer a minha função de professor, e para que no final as aprendizagens dos alunos fossem maximizadas. Estas actividades podem ser divididas em quatro parâmetros, planeamento, realização, avaliação e componente ético-profissional.

3.1 - Planeamento

Segundo Bento (2003), "Planificar a educação e a formação - o que é que isto significa? Significa planear as componentes do processo de ensino e aprendizagem nos diferentes níveis da sua realização; significa apreender, o mais concretamente possível, as estruturas e linhas básicas e essenciais das tarefas e processos pedagógicos."

É no planeamento que o professor toma as decisões, analisa a situações e selecciona as estratégias e meios para que o processo de ensino-aprendizagem seja o melhor e mais adaptado à turma possível. Assim, o professor deve reflectir para optimizar ao máximo este processo.

Para que o planeamento seja feito de forma correcta, deve existir uma recolha de dados prévia que possibilitem ao professor ter o conhecimento necessário da turma, dos alunos nas diferentes matérias a abordar e quais as suas capacidades físicas, para tal deve ser feita uma avaliação diagnóstica. Posteriormente, o professor seleccionará a matéria consoante o nível em que a turma se encontra, adaptando os conteúdos à turma. Como todos os planeamentos têm falhas, o professor deve ser capaz de corrigir os erros e ajustar o planeamento à evolução da turma. O professor deve ter em conta a aplicação deste plano, deve estar bem pensado e estruturado, pois é aqui que

o professor colocará em prática tudo o que aprendeu e o planeamento que foi realizado.

a) Plano Anual

"A elaboração do plano anual constitui o primeiro passo do planeamento e preparação do ensino e traduz, sobretudo, uma compreensão e domínio aprofundado dos objectivos de desenvolvimento da personalidade, bem como reflexões e noções acerca da organização correspondente do ensino no decurso de um ano lectivo" (Bento, 2003).

O Plano Anual tem como finalidade dar uma perspectiva global de todos os factores, de acordo com as especificidades do contexto escolar, como estas podem ter influência no Estágio Pedagógico, elaborando um conjunto de documentos preparatórios e de decisão. Neste deve constar, a análise das características do meio e da escola, o aprofundamento da matéria de ensino da educação física, a organização da disciplina na escola, a análise da turma, as decisões conceptuais e metodológicas, a definição de momentos e os procedimentos de avaliação inicial, formativa e sumativa, e a integração das actividades inscritas no plano de actividades da escola promovidas pelo grupo disciplinar.

Quanto às características do meio e da escola, permite ao professor perceber em que contexto a escola está inserida e o que a caracteriza. Esta análise é extremamente importante, pois leva a que o professor perceba a conjuntura da escola no seu todo. Na análise da escola, procurei ter em conta factores que realmente influenciassem as atitudes dos alunos, como o contexto social, cultural e económico. Considero, e agora sei, que estes factores têm importância na forma de estar e ser dos alunos, sendo que é relevante para um professor ter conhecimento dos mesmos. Para um professor, que no nosso caso não conhece a escola, é também importante conhecer a história da escola, de forma a perceber os princípios e valores que esta defende, os seus objectivos internos e a sua forma de funcionamento. Conhecer o espaço físico da escola é muito importante para um professor de educação física, pois para uma boa aula é essencial que o professor ter conhecimento do espaço que tem

ao seu dispor, bem como do material para a leccionação da aula, factor que também foi analisado. Por fim, e não menos importante, o professor deve conhecer o funcionamento laboral da escola.

A caracterização da turma aparece como uma ferramenta fundamental para que o professor tenha um conhecimento da sua turma, permite ao professor adequar o planeamento e a sua interacção com os alunos tendo em conta a sua idade, problemas de saúde, agregado familiar, localidade, tempo até à escola e perspectivas no ensino superior. Esta foi realizada através de questionários que foram entregues aos alunos, posteriormente os dados foram tratados por mim, de forma a ter um melhor conhecimento da turma.

Seguidamente foram tidos em conta os objectivos definidos no Programa Nacional de Educação Física, assim foram traçadas algumas linhas orientadoras para que a estruturação das unidades didácticas.

Por fim, e segundo o mapa de rotações de espaços e a composição curricular, foi definido que conteúdos iria abordar e quando, concluindo assim o planeamento anual.

b) Unidades Didácticas

As unidades didácticas podem ser vistas como a substância do projecto curricular descrito no Plano Anual, assim e segundo Olímpio Bento (1998), as unidades didácticas são partes fundamentais do programa de uma disciplina, na medida em que apresentam quer aos professores quer aos alunos, etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem. As unidades didácticas podem decorrer durante diferentes períodos e durante estas podem decorrer diferentes modalidades. Estas devem conter a caracterização e estrutura de conhecimentos da matéria, relatório da avaliação inicial, selecção de objectivos, estratégias de abordagem, extensão e sequência de conteúdos, avaliação, progressões pedagógicas e reflexão final, podendo o autor acrescentar mais elementos caso ache pertinente.

Quando as modalidades são seleccionadas, tendo em conta os critérios anteriores e depois de analisados os documentos orientadores, o professor passa à construção da unidade didáctica direccionada para a sua turma. É

importante que o professor tenha atenção às capacidades mostradas pelos seus alunos na avaliação diagnóstica, pois é segundo esta que o professor deve seleccionar os objectivos e conteúdos a abordar, adaptando-os à turma.

Este documento serve, acima de tudo, de orientador para a leccionação das aulas, para que seja garantido o processo de ensino aprendizagem, para que exista uma coerência na abordagem dos diferentes conteúdos. Na selecção destes o professor deve sempre ter como ponto de partida o Programa Nacional de Educação Física, analisá-lo e de seguida adaptá-lo às capacidades da sua turma, pois o professor tem que atender às especificidades da respectiva turma.

Após a selecção de objectivos e conteúdos a abordar, é importante realizar a extensão e sequência de conteúdos, pois é aqui que o professor define parte da estratégia do processo de ensino-aprendizagem, tendo em conta a introdução, exercitação e consolidação de cada conteúdo. Para tal, deve aplicar progressões pedagógicas coerentes durante as aulas, estas devem ser pensadas e apresentadas na unidade didáctica. A extensão e sequência de conteúdos é passível de ser alterada ao longo da leccionação da unidade didáctica, pois o processo de ensino-aprendizagem dos alunos é versátil.

Por fim, deve ser realizada uma reflexão final, onde o professor tem em consideração todas as opções tomadas ao longo da abordagem à modalidade. Nesta, devem ser tiradas conclusões sobre as estratégias aplicadas, se estas foram as correctas ou como maximizar a aprendizagem dos alunos.

c) Planos de Aula

Segundo Bento (1998), “a aula é o verdadeiro ponto de convergência do pensamento e da acção do professor.” Este autor refere também que, “Antes de entrar na aula o professor tem já um projecto da forma como ela deve decorrer, uma imagem estruturada, naturalmente, por decisões fundamentais. Tais são, por exemplo, decisões sobre o objectivo geral e objectivos parciais ou intermédios, sobre a escolha e ordenamento da matéria, sobre os pontos fulcrais da aula, sobre as principais tarefas didácticas, sobre a direcção

principal das ideias e procedimentos metodológicos." O professor deve aplicar o dito "projecto" da melhor forma e posteriormente realizar a devida análise, de forma a perceber se as estratégias aplicadas foram as melhores. Desta forma, percebemos que o plano de aula deve passar pelo, antes, durante e após da aula.

É importante perceber que a elaboração dos planos de aula tem sempre como base a extensão e sequência de conteúdos planeada na devida unidade didáctica, desta forma será garantida a coerência e continuidade do processo de ensino aprendizagem.

Esta tarefa, a par dos relatórios das aulas, foi uma das tive que realizar com maior frequência, apercebendo-me da verdadeira importância da devida estruturação desde do início do Estágio Pedagógico. É importante pensar em todos os factores que podem ser relevantes na construção e organização do plano de aula, para que o processo de ensino-aprendizagem seja respeitado e o tempo de empenho seja maximizado. Desta forma, as estratégias devem estar bem delineadas, de acordo com as especificidades de cada turma.

Os planos de aula devem então respeitar uma estrutura base, esta tem 3 partes distintas:

- Parte Inicial: o professor deve seleccionar exercícios para preparar os alunos para os conteúdos que serão abordados, objectivo principal da aula;
- Parte Fundamental: nesta parte o professor deve preocupar-se em atingir os objectivos específicos seleccionados para a aula em causa, para tal deve escolher os exercícios de forma coerente e respeitando uma sequência que beneficie o processo de ensino-aprendizagem;
- Parte Final: o professor deve, progressivamente, diminuir a intensidade dos exercícios até esta fase e realizar alongamentos. Seguidamente deve ser feito um balanço da aula, onde os devem os alunos devem ser questionados e questionar caso tenham dúvidas.

Quanto ao tempo que deve ser despendido em cada fase, muitos autores atribuem um tempo dito correcto, na minha opinião, e tendo em conta a experiência adquirida no Estágio Pedagógico, o tempo deve ser definido pelo professor. Obviamente que este não pode diferenciar muito do sugerido pelos autores, no entanto, vai sempre variar de aula para aula, de modalidade para modalidade, consoante os conteúdos a abordar e objectivos a atingir. O êxito

de um plano de aula passa acima de tudo por um bom planeamento, onde o professor pensa que exercícios e estratégias vai aplicar conforme a sua turma. Este deve ser visto como um documento auxiliar, um esboço, pois o professor deve ser capaz de alterá-lo no decorrer da aula, caso seja necessário deve realizar os devidos ajustamentos.

3.2 - Realização

Ser professor vai para além do planeamento, um professor deve ter a capacidade de ensinar os conhecimentos específicos, de dar os feedbacks certos, gerir bem a aula, manter a disciplina, tomar as devidas decisões de ajustamento, etc. Estes factores foram sugeridos por Siedentop (1998), este refere quatro dimensões que deverão estar sempre presentes e interligadas no processo de ensino-aprendizagem, estas são a instrução, gestão, clima e disciplina.

É na realização do processo de ensino que o professor tem uma intervenção prática, onde se dá a aprendizagem por parte dos alunos, o professor passa da teoria à prática.

a) Instrução

O papel do professor é de extrema importância na intervenção pedagógica, segundo Piérron (1996), “Um conhecimento técnico e uma preparação cuidadosa da intervenção são as condições indispensáveis ao sucesso.” “O primeiro e mais importante filtro que se coloca à viabilidade de qualquer modelo de instrução é o professor, com as suas crenças sobre o que os alunos podem e devem aprender, as suas concepções e preferências relacionadas com a matéria e a pedagogia, a sua atitude profissional, o seu conhecimento e a sua capacidade didáctica. Enquanto mediador entre os materiais curriculares e o aluno, o professor ocupa uma posição de charneira

na construção da capacidade de instrução de um programa.” (Cohen & Ball, 1999).

No processo de instrução, o professor avalia as necessidades, concebe, selecciona e adapta actividades, tarefas e exercícios para concretizar os objectivos de aprendizagem, optimizando os recursos disponíveis, apresenta tarefas, dá explicações, comunica expectativas e exigências sobre o que deve ser feito e como deve ser feito. Para além disto, estimula as aprendizagens, supervisiona, orienta, regula, avalia o empenho na actividade e o rendimento dos alunos.

Os alunos não são elementos passivos no desenvolvimento das actividades de aprendizagem, trazem consigo conhecimentos, capacidades e disposições, expectativas e motivações que condicionam o que se pode passar e o que efectivamente se passa na aula. Assim, o professor deve ser capaz de se adaptar a todos estes factores para que a instrução seja a melhor possível e mais direccionada para cada situação específica. O professor, tendo em conta cada aluno ou situação em específico, deve dar feedbacks, que deve funcionar, acima de tudo, como um guia no processo de ensino-aprendizagem.

McGown (1991) entende por feedback a informação que se obtém após uma resposta, e é geralmente vista como a mais importante variável que determina a aprendizagem, logo a seguir à prática propriamente dita. Segundo Godinho, Mendes e Barreiros (1995) feedback "é a expressão genérica que identifica o mecanismo de retro-alimentação de qualquer sistema processador de informação". É o retorno de informação que permite ao sistema avaliar o quanto foram cumpridos os objectivos, é uma condição obrigatória para ocorrer aprendizagem. Sem essa informação de retorno o sistema comporta-se como se estivesse cego, ou seja, não existe uma auto-avaliação e as respostas desfasadas, continuarão a acorrer, tanto em termos espaciais como temporais. No entanto, a principal função da informação de feedback é a de permitir ao executante avaliar a resposta dada, criando uma estrutura de referência para que o aluno possa detectar erros e tentar corrigi-los (McGown, 1991). Além de informação, o feedback pode ter a função motivadora e de reforço, para a execução de uma tarefa ou habilidade.

Para Schmidt (1993) e Franco (2002) o feedback pode ser dividido em intrínseco e extrínseco. O intrínseco, segundo Shimidt (1993) é a informação

fornecida como uma consequência natural da realização de uma acção. Schmidt (1993), o feedback extrínseco é constituído por informação do resultado medido da performance, que é a resposta informada ao executante por algum meio artificial, seja verbal, visual ou sonoro. Deste modo, o feedback extrínseco é fornecido após o feedback intrínseco.

De uma forma geral, o feedback fornecido, no decurso da interacção pedagógica, em situações reais opera simultaneamente em três tipos de influências fundamentais, sendo muito difíceis de separá-las na prática, baseado em Schmidt (1993); Mota (1989); Pérez e Bañuelos (1997):

- Motivação: produz motivação ou leva o aluno ou atleta a aumentar seu esforço ou participação;
- Reforço: fornece reforço tanto para acções corretas e incorrectas, sendo respectivamente positivo e negativo;
- Informação: dá informação sobre erros como base para correcção;

Quando é dado o feedback, e tendo em conta o tipo de feedback, o professor deve completar sempre o ciclo de feedback, de maneira a perceber se realmente este teve o efeito pretendido ou não. Isto, faz toda a diferença no processo de ensino-aprendizagem, pois é o factor que leva o professor a perceber se os feedbacks são realmente efectivos.

b) Gestão

Arends (2005) conceitua gestão de aula como: “os modos pelos quais os professores organizam e estruturam suas salas de aula, com o propósito de maximizar a cooperação e o envolvimento dos alunos e diminuir o comportamento disruptivo”.

Perrenoud (2000) utiliza os termos organizar e dirigir situações de aprendizagem para se referir à gestão de aula. Para o autor, de acordo com a visão tradicional de professor, a gestão de aula não é uma de suas maiores preocupações, ocorre espontaneamente e apenas serve para garantir a transmissão de conteúdo e possibilitar a realização dos exercícios decorrentes. Por meio dessa pedagogia “magistral” os professores não dominam as situações de aprendizagem proporcionadas aos seus alunos e usarão “meios

disciplinares clássicos, para que todos os alunos escutem com atenção e envolvam-se activamente, pelo menos em aparência nas tarefas atribuídas". No entanto, para Arends (2005) a gestão de aula é uma das funções de liderança do professor. O autor aponta algumas acções que afectam e estão vinculadas à gestão de aula, planear detalhadamente as aulas, atribuir tempo às actividades de aprendizagem, fazer considerações acerca da utilização do espaço da sala de aula, proporcionar situações de trabalho de grupo, tomar atenção à motivação dos alunos e proporcionar um discurso aberto e honesto.

Estudos realizados por Arends (2005) levam a crer que os bons gestores têm procedimentos que regem as conversas, a participação, o movimento, as mudanças nos trabalhos e a forma como dinamizam todo o tempo da aula, dão explicações claras, limitam comportamentos perturbadores rapidamente, acompanham cuidadosamente o progresso dos alunos. Caso um professor respeite todos estes factores, a gestão numa aula será sempre melhor.

Para Gallahue (2008) organização é a característica primordial do bom gestor de aula em Educação Física, um bom gestor deve ter um controlo eficaz, e criar rotinas, procedimentos e regras, pois estas levam a que se perca menos tempos de aula em transições, o que faz com que o tempo de empenho aumente. No entanto, para Gallahue (2008) algumas peculiaridades das aulas de Educação Física impedem-nos de fixarmos um padrão de gestão de aula:

- Não lidamos com uma turma o dia todo e sim com várias em diferentes partes do dia;
- O ambiente físico das aulas suscita a comportamentos diferentes dos vistos em sala de aula;
- Cada turma comportar-se conforme os padrões estabelecidos pelos professores de sala.

Para uma boa gestão são também importantes os estilos de ensino utilizados pelo professor, estes devem ser seleccionados tendo em conta a turma. De acordo com o nível de desempenho desta e da modalidade a leccionar, o professor deve escolher o estilo de ensino que mais se adapta à aula. Durante este ano, utilizei os seguintes estilos de ensino:

- Por comando;

- Por tarefas;
- Reciproco;
- Inclusivo;
- Descoberta guiada;
- Programa individual;

c) Clima/disciplina

O clima aprece como um agente essencial para o bom decorrer de uma aula de educação física, pois pode condicionar a intervenção pedagógica do professor, o terá influência no processo de ensino-aprendizagem. As interacções entre o professor e o aluno são uma constante numa aula, logo o professor deve ter boas relações com os alunos, o aluno deve sentir-se bem na aula, desta forma ficará mais motivado. Isto deve ser encarado como um meio facilitador para que o processo de ensino-aprendizagem decorra de melhor forma.

O professor tem um papel fundamental para que o clima de uma aula seja favorável, este deve conseguir motivar os alunos de forma a que estes aumentem o seu empenho para que os objectivos sejam alcançados. Para tal, o professor deve leccionar as aulas com entusiasmo, ser exigente e positivo, exigindo sempre que os comportamentos da turma sejam baseados em valores e padrões éticos.

Quanto à disciplina numa aula de educação física, acredito que se o professor conseguir manter a turma sob o seu controlo e proporcionar um clima favorável, como foi descrito em cima, não existirão comportamentos de desvio relevantes. Embora a educação física seja uma disciplina propícia a estas situações, o professor deve tentar ao máximo que estas não ocorram, para tal o principal papel do professor e a prevenção, ou seja evitar que este tipo de situações ocorra dentro da sua aula.

d) Decisões de ajustamento

Como foi dito anteriormente, o plano anual e unidades didácticas são passivos de ser alterados consoante os ajustamentos que podem ter que ser feitos ao longo do ano, pois é imprevisível saber como vai decorrer ao certo o processo de ensino-aprendizagem.

Ao longo do ano, surgiram imprevistos durante a leccionação das diferentes unidades didácticas, assim, o planeamento destas foi por diversas vezes alterado, condicionando directamente os planos de aula. Consoante a evolução que os alunos demonstravam, os imprevistos que decorriam nas aulas (ex. condições climatéricas), conteúdos a abordar, etc., o planeamento deve sofrer alterações, visando sempre a maximização da aprendizagem dos alunos.

Durante as aulas, o plano de aula nem sempre foi seguido, devido ao número de alunos não ser o esperado ou imprevistos que ocorriam durante a aula, este foi diversas vezes alterado. Nas diversas situações que os planos de aula foram alterados, sempre em prol da evolução dos alunos, mas respeitando as condicionantes que o professor se deparava na altura. O professor deve realizar sempre uma análise no final de cada aula, pois, nem sempre os exercícios propostos correm como previsto. É importante perceber o que podia ter sido feito de forma diferente para que o exercício vá, realmente, de encontro ao objectivo previsto, assim as aulas devem ser ajustadas consoante a turma a que o professor lecciona.

3.3 - Avaliação

Ao longo do tempo, a avaliação, foi alvo de múltiplas conceptualizações e práticas, sobretudo quanto às suas finalidades, objectos, processos, instrumentos ou efeitos. A avaliação pode ser vista como um processo interactivo entre os seus actores que ocorre num tempo e num espaço institucional, desta forma e segundo Ketele (1981) a avaliação é “o acto de examinar o grau de adequação entre um conjunto de informações e um

conjunto de critérios, adequados a um objectivo previamente fixado, com vista a uma tomada de decisão".

Hoje em dia, a avaliação sustenta a regulação do processo de ensino-aprendizagem e sustenta a garantia social das aquisições feitas, ou seja, realiza um diagnóstico que determina os conhecimentos que o aluno já possui e sustenta.

Segundo o Despacho Normativo 30/2001, a avaliação visa:

- Apoiar a processo educativo de modo a sustentar o sucesso de todos os alunos, permitindo o reajustamento dos projectos curriculares de escola e de turma, nomeadamente, quanto à selecção de metodologias e recursos, em função das necessidades educativas dos alunos;
- Certificar as diversas competências adquiridas pelo aluno, no final de cada ciclo e à saída do ensino básico;
- Contribuir para melhorar a qualidade do sistema educativo, possibilitando a tomada de decisões para o seu aperfeiçoamento e promovendo uma maior confiança social no seu funcionamento;

A Educação Física, exige a realização de comportamentos e gestos técnicos que se justificam, na medida em que perseguem um objectivo (Jorge Proença), por isso mesmo, é difícil definir o que é importante medir para a avaliação da motricidade do Homem (Matos Z. e Braga A., 1988).

Na Educação Física pretende-se avaliar uma realidade complexa, assim a sua avaliação é realizada em função de instrumentos de testagem e observação, desta forma, a avaliação do professor fica condicionada pelos instrumentos de avaliação que tem ao seu dispor. De qualquer forma, o professor deve garantir uma recolha de informação o mais objectiva possível, durante todo o processo de ensino-aprendizagem, que possibilite acompanhar o progresso do aluno.

O processo de avaliação realizar-se-á ao longo das respectivas Unidades Didácticas, no início efectuar-se-á uma avaliação inicial com uma finalidade Diagnostica; ao longo das aulas proceder-se-á a uma avaliação contínua com uma finalidade Formativa e no final da unidade didáctica a avaliação terá uma finalidade Sumativa. Consequentemente, no final de cada

período o professor terá em conta a informação que tem em sua posse e atribuirá a devida nota, sendo que esta é contínua.

a) Avaliação Diagnóstica

A avaliação diagnóstica tem como principal função averiguar os conhecimentos já adquiridos pelos alunos, para que o professor perceba o nível da turma e se estes possuem os conhecimentos e aptidões para poderem iniciar novas aprendizagens. Segundo Ribeiro (1999), esta pretende averiguar da posição do aluno face a novas aprendizagens que lhe vão ser propostas e a aprendizagens anteriores que servem de base àquelas, no sentido de evitar a dificuldades futuras e, em certos casos, de resolver situações presentes

Este tipo de avaliação é de extrema importância, na medida em que é o principal elo de ligação para a etapa do planeamento. O professor só pode promover o sucesso pedagógico se reconhecer as principais dificuldades e potencialidades dos alunos.

Os dados recolhidos desta avaliação devem ser analisados para que o professor perceba o nível da turma, posteriormente deve seleccionar os objectivos tendo em conta o Programa Nacional de Educação Física para o 10º ano e caso seja necessário deve adaptá-los. Desta forma, pretende-se que a turma evolua de uma forma favorável e gradual, onde as aprendizagens fiquem bem consumadas. A avaliação diagnóstica de todas as modalidades, excepto a da natação, foi realizada nas primeiras aulas do 1º Período. Assim, o professor obteve toda a informação necessária para realizar o devido planeamento logo no início do ano lectivo.

Esta avaliação é qualitativa, pois nesta foi tido em conta o nível em que cada aluno se encontrava em cada modalidade, tendo em conta os conteúdos abordados. Os três níveis são, Nível Introdutório, Elementar e Avançado. Quando esta avaliação foi realizada, realizou-se uma análise à mesma de forma a facilitar o trabalho.

b) Avaliação Formativa

O objectivo desta avaliação é o controlo do processo ensino-aprendizagem, através de uma observação sistemática, que visa detectar possíveis dificuldades, registar o progresso dos alunos e fornecer-lhes informações sobre o seu rendimento. Esta avaliação é determinante para o reajustamento, sempre que necessário, do processo de ensino - aprendizagem, adaptando-o às capacidades e necessidades específicas dos alunos. Esta avaliação decorrerá ao longo de todas as aulas da unidade didáctica, assim pode ser caracterizada como um processo contínuo e sistemático.

O principal instrumento desta avaliação é a observação, o professor deve ter em conta todas as observações que realiza durante as aulas e ajustar processo de ensino.

c) Avaliação Sumativa

A avaliação sumativa corresponde à fase em que é feito o balanço das aquisições, ou seja, tem como finalidade classificar os alunos no final de cada Unidade Didáctica. Esta tem uma função quantitativa, pois nesta é atribuída uma nota final relativamente às prestações dos alunos, tem também uma função de re(orientação) do percurso escolar dos alunos. Assim, esta relaciona os resultados da aprendizagem com os objectivos, pois é feita consoante os objectivos que foram definidos no início da unidade didáctica.

No final de cada unidade didáctica, e tendo em conta o que foi referido anteriormente, foram reservadas aulas para esta avaliação. Para além da avaliação específica em cada modalidade, também serão avaliados outros critérios para a atribuição da nota final de cada período, valores que passo a referir:

- Conhecimento/desempenho 75%;
- Atitudes e valores 20%;
- Aptidão física 5%.

Os alunos tiveram um papel activo na sua avaliação, pois realizaram a auto-avaliação em todos os Períodos.

3.4 - Componente Ético-profissional

A componente ético-profissional “constitui uma dimensão paralela à dimensão intervenção pedagógica e tem uma importância fundamental no desenvolvimento do agir profissional do futuro professor. A ética e o profissionalismo docente são os pilares deste agir e revelam-se constantemente no quadro do desempenho diário do estagiário. Posto isto, percebemos que o professor deve sempre estar preocupado com a sua ética e profissionalismo dentro da escola.

Durante todo o ano mostrei a minha disponibilidade e interesse para com a minha turma, uma preocupação em estar informado sobre os alunos, para tal foi importante a relação que tive com a directora de turma. Conhecer os alunos aos quais leccionamos as nossas aulas é muito importante, sabendo que a educação física beneficia de um contacto privilegiado com os alunos, o professor de educação física tem um papel integrador e pode passar por este a detecção de alguns problemas sócioafectivos.

Dada a elevada importância desta componente, ético-profissional, e sendo este um factor que sempre prezei por cumprir, posso afirmar que sempre adoptei uma postura correcta, e foi de encontro aos princípios pelos quais um professor de deve reger. Para que cumprisse da melhor forma com esta componente, foi importante o compromisso assumido com a profissão, estudantes, colegas, direcção, pais e professores. Apenas com um compromisso assumido com todas estas vertentes seria possível chegar a um nível de mestria nesta componente tão importantes. A ética e o profissionalismo podem ser considerados os pilares para que um professor atinja um nível de excelência.

Sabendo que este foi o primeiro contacto com um ambiente escolar, e tendo em conta o referido, acredito que após este ano, as experiências que tive enriqueceram-me muito a este nível, estou certo que contribuirão muito para o meu futuro como professor e acima de tudo como pessoa.

4. Justificação das opções tomadas

Ao longo do ano lectivo foi necessário tomar decisões, que obviamente tiveram influência directa no processo de ensino-aprendizagem, estas foram tomadas sempre com base em critérios, decisões fundamentadas. Desta forma todo o planeamento foi realizado com clareza, tendo justificação para as opções tomadas. Dentro de estas opções, podemos distinguir aquelas que foram tomadas em conjunto com o grupo de estágio e as individuais, tendo sido sempre direccionadas para a turma.

a) Organização de ano lectivo

Para a organização do ano lectivo as matérias foram seleccionadas de acordo com as matérias a abordar e com o plano de rotações de espaços, tendo em conta estes factores, as matérias foram preferencialmente alternadas entre colectivas e individuais.

Estas opções têm obviamente uma justificação. As competências e "skills" adquiridas nestes dois tipos de matérias são obviamente diferentes, já que no campo individual há sobretudo o estímulo das capacidades do indivíduo, enquanto nas matérias colectivas torna-se sobretudo fundamental inverter esta realidade, para que o individuo consiga contribuir para os objectivos do grupo. Desta forma, penso que para que se torne possível uma eficaz aquisição de competências na área da Educação Física (mas também cívica e social) revela-se uma mais-valia o ensino das matérias ser alternado entre individuais e colectivas, já que no fundo acabam por complementar a formação do aluno. Tal acabou por não acontecer por duas vezes, por razões de impossibilidade programática.

Durante o ano lectivo os objectivos foram redefinidos, consoante a avaliação inicial e decorrer do processo ensino-aprendizagem.

b) Estrutura das aulas

Como já foi referido anteriormente, a aula de Educação Física é organizada em três partes distintas, parte inicial, fundamental e final, dentro das especificidades de cada parte, foram tomadas determinadas opções de acordo com diferentes matérias e nível dos alunos.

Na parte inicial as tarefas foram sempre direccionadas para o objectivo principal da aula, sempre cumprindo a devida activação geral, pois este era também um dos objectivos desta fase da aula. Nesta fase os exercícios iam sempre aumentando de intensidade, de forma a evitar lesões. Os exercícios escolhidos, caso a matéria e o nível dos alunos permitisse, eram sempre direccionados para que a motivação dos mesmos aumentasse, visando um maior empenho na aula.

Na parte fundamental, os exercícios propostos não variam muito, obviamente que como professor, tenho um largo leque de exercícios para aplicar nas diferentes modalidades. No entanto, devido ao nível da turma em algumas modalidades e às poucas aulas que tinha direccionadas para cada matéria, optei por escolher os exercícios que se adaptavam melhor à turma, ao seu nível de desempenho e aos objectivos seleccionados. No caso das modalidades colectivas, optei maioritariamente por situações de jogo reduzido, onde para além de exercitarem os gestos técnicos específicos os alunos também exercitavam os diferentes conceitos tácticos. Nas modalidades individuais, os exercícios eram um pouco mais analíticos, no entanto, adaptando os diferentes estilos de ensino, tentei sempre que a aula fosse motivante para os alunos.

Na parte final, os exercícios foram essencialmente de retorno à calma, nesta era também realizado um questionamento aos alunos e dado um feedback geral à turma.

A componente física não foi esquecida durante as aulas, os exercícios propostos tinham também o objectivo que os alunos melhorassem as suas capacidades físicas.

c) Funções didácticas

O planeamento de uma aula deve estar em congruência com a respectiva Unidade Didáctica e Plano de Aula. Neste, foi sempre tido em conta o nível de aprendizagem da turma e dos alunos, nos desportos individuais as aulas podiam ser adaptadas individualmente, de forma a que cada aluno consolidasse o nível em que estava para que pudesse avançar para o seguinte. Este aspecto, também foi tido em conta nos desportos colectivos, dei sempre grande importância à consolidação dos conteúdos já dominados para que fosse mais fácil atingir níveis acima.

d) Processo de Ensino-aprendizagem

Atendendo à importância deste processo, procurei sempre programar as aulas numa perspectiva de que os alunos desenvolvessem as suas capacidades em torno do saber, saber fazer e saber ser. Tendo estes factores como base, os exercícios eram escolhidos de acordo com o nível da turma e os objectivos que pretendia alcançar nas aulas. Estes, eram também seleccionados de acordo com os padrões coordenativos e condicionais essenciais nas diferentes modalidades.

Na abordagem aos jogos desportivos colectivos, o modelo aplicado foi o Teaching Games for Understanding, este foi proposto e desenvolvido por Bunker e Thorpe (1982). Este modelo defende que estas modalidades devem ser abordadas através de jogos condicionados, numa perspectiva que promove a exercitação dos diferentes gestos técnicos e ao mesmo tempo das componentes tácticas do jogo. Na minha opinião, e depois de o aplicar ao longo do Estágio Pedagógico, este modelo corrobora todos os princípios a que se propõem, pois os alunos mostram uma evolução a nível técnico e ao mesmo tempo táctico. Isto, não implica, que por exemplo, no caso do voleibol que tem um técnica muito exigente, não sejam realizados exercício um pouco analíticos para que o aluno perceba como deve executar o movimento. No entanto, a partir daqui, os jogos condicionados devem ser privilegiados.

Nas modalidades individuais, procurei sempre que as actividades fossem orientadas numa perspectiva de cooperação entre os alunos, exigindo trabalho de grupos (na ginástica de solo os alunos realizavam ajudas nos diferentes movimentos gímnicos). Desta forma era possível promover situações de colaboração e entreajuda, ao mesmo tempo também era mais motivante.

5. Aprendizagens realizadas

Durante o Estágio Pedagógico, e como já foi dito anteriormente, tive a oportunidade de por em prática o que aprendi, tanto na licenciatura como no primeiro ano de mestrado. Após este ano, consigo afirmar que aquilo que se experiencia, que se põe em prática, mais facilmente é aprendido, ou seja, eu próprio consolidei os conhecimentos que tinha relativamente às funções de um professor de educação física. Acima de tudo, melhorei as minhas competências ao nível pedagógico, estas estão directamente relacionadas com o processo de ensino-aprendizagem e o seu planeamento, plano anual e unidades didácticas.

Quanto à realização dos documentos de planeamento, estes foram planeados no início do ano e antes da leccionação da modalidade em causa, respectivamente. Ao longo do ano, estes foram sempre sofrendo alterações consoante as experiencias pelas quais ia passando e a evolução dos alunos. Ainda dentro do âmbito do planeamento, mais especificamente, surgem os planos de aula. Durante este ano, notei claramente uma grande evolução no que diz respeito ao planeamento das aulas, acima de tudo na selecção dos exercícios, a relação destes com os conteúdos a abordar. Relativamente à gestão do tempo e organização da aula, também notei uma clara evolução, pois o tempo de empenhamento motor aumentou.

Neste ano, uma das aprendizagens que considero ter maior relevância para o meu futuro como professor, é a compreensão para perceber quando é um conteúdo está realmente alcançado pela turma para poder aumentar nos objectivos, e se possível adaptar os objectivos aos alunos que apresentam um nível superior.

A heterogeneidade é vista como uma desvantagem no processo ensino-aprendizagem, realmente para um professor, torna-se muito mais simples leccionar a uma turma homogénea. No entanto, cabe ao professor adaptar o processo de ensino-aprendizagem à sua turma, ou seja, este deve ser visto como um desafio a ser ultrapassado pelo professor. Para tal, o professor deve planear e organizar a sua aula tendo em conta o nível da sua turma, por exemplo, definição prévia dos grupos de trabalho, que estilos de ensino devem utilizar nos diferentes exercícios, etc.

Quanto à intervenção pedagógica, considero este factor extremamente relevante no ensino, no entanto, devido à minha experiência de três anos como treinador de futebol, sinto que já tinha um certo nível. A explicação dos exercícios, o questionamento, a demonstração e o feedback pedagógico, são factores que influenciam a intervenção, claro que notei melhorias ao longo do ano, acima de tudo devido aos feedbacks dados pelos orientadores, no entanto já possuía alguns conhecimentos nesta área de intervenção. Estes factores são extremamente relevantes na instrução que é dada aos alunos, de tal forma que o professor deve saber o real objectivo dos exercícios para que se possa focar nos pontos realmente importantes. Destes, destaco a demonstração e os feedbacks. A desmonstração é claramente um factor que tem influência no sucesso ou insucesso do exercício, procurei sempre demonstrar a execução de todos os exercícios, acima de tudo aqueles que eram mais complexos. Procurei sempre aliar a demonstração à instrução, de maneira a rentabilizar o tempo. Os feedbacks que são dados aos alunos, são também muito importantes para que os exercícios corram da melhor forma possível e as aprendizagens fiquem bem consolidadas, estes podem ter diferentes objectivos. Notei que melhorei muito no feedback pedagógico, o qual é direccionado para os aspectos da aprendizagem. Ainda relativamente aos feedbacks, inicialmente não completava sempre o ciclo de feedback, no entanto e com a experiencia adquirida passei a fazê-lo naturalmente, este deve é, na minha opinião, um factor de elevada importância, pois desta forma o professor pode confirmar se a aprendizagem ficou realmente aprendida.

Nas transições, procurei sempre ser o mais objectivo e rápido possível, de maneira a maximizar o tempo de empenhamento motor, para tal procurei desenvolver hábitos de organização dos recursos e materiais. Foram também criadas rotinas com a própria turma, pois estas levam a que se perca menos tempo de prática.

Quanto ao ambiente no espaço de aula, clima/disciplina, confesso que melhorei muito neste aspecto. Hoje em dia, e devido à massificação das escolas, as turmas são cada vez mais heterogéneas, sendo que esta não foge à regra. Devido a este factor, foi complicado manter sempre um clima que, na minha óptica, considero ideal, um clima em que os alunos apenas estão focados na aprendizagem. Procurei sempre usar estratégias para que estes se

motivassem para a prática, acredito que estas foram as correctas, bem adaptadas a esta turma em específico, pois os alunos, embora que com oscilações, mostraram empenho ao longo do ano.

Para um professor de educação física é essencial o desenvolvimento da autocrítica, de modo a perceber onde é que errou e o que pode melhorar. Este ano desenvolvi muitas competências neste sentido, auto-reflexão após as aulas e a interpretação das aulas foram sem dúvida duas vias que me ajudaram muito a melhorar a foram de leccionação ao longo do ano. Assim, considero que este aspecto me fez evoluir como professor.

Relativamente ao processo de avaliação dos alunos, estes foi melhorando ao longo das avaliações que ia realizando, acima de tudo pela capacidade de observação. No que diz respeito à avaliação propriamente dito, à medida que ia acumulando experiência, esta foi melhorando, pois consegui seleccionar melhor aquilo que ia avaliação e a forma de avaliar.

6. Compromisso com as aprendizagens dos alunos

O professor assume um papel de profissional do ensino, perante a escola e a sua turma, tendo que se reger pelos critérios estabelecidos pelo ministério da educação e pela própria escola. Embora tenha tido um papel de professor estagiário, assumi com convicção e competência o papel de professor, cumprindo sempre com os meus deveres.

Quando assumi a função de professor, comprometi-me ao mesmo tempo com a aprendizagem dos alunos. Este, devido à sua importância, e ser um dos papéis mais importantes do professor para com os alunos, deve ser encarado com a devida seriedade. A intervenção pedagógica e todos os seus processos inerentes têm como base conseguir ultrapassar a diferenciação, a adequação correcta a cada situação e cumprir com o conceito de flexibilidade tendo em conta a turma e o Programa Nacional de Educação Física, podem ser considerados os compromissos, juntamente com a promoção da ética e valores. Isto leva a crer que cada vez que o professor realiza uma acção para com a turma, esta desde logo a assumir um compromisso com a mesma. Assim, o professor deve assumir sempre um papel no sentido de procurar o desenvolvimento do aluno no seu todo.

Relativamente à metodologia e qualidade de aprendizagem, procurei sempre dar um elevado número de estímulos que fossem capazes de moldar o comportamento dos alunos de forma que estes alcançassem sucesso nas aprendizagens. Estes estímulos, para além de serem dados através de feedbacks, foram também dados através dos diferentes exercícios apresentados à turma. Os exercícios tinham diferentes níveis e objectivos, tendo sempre a preocupação que estes fossem motivantes de forma a promover o empenho. Embora os exercícios não tenham diferido muito, os objectivos dos mesmos iam alterando consoante o nível em que os alunos se encontravam, o que levava a que estes percebessem cada vez melhor o exercício e ao mesmo tempo estivessem motivados para a prática. De acordo com as necessidades específicas dos alunos, estes foram sendo alterados, para que cada um progredisse na aprendizagem, pois devido à

heterogeneidade da turma, foi necessário por vezes estabelecer objectivos distintos. Foi sempre tido em conta o transfer que deve ser feito de tarefa para tarefa, para que a aquisição das habilidades seja facilitada.

Quanto à avaliação, tive sempre o cuidado para que houvesse alguma similaridade relativamente aos exercícios já apresentados, de forma a facilitar a avaliação, pois desta forma os alunos sentir-se-iam mais à vontade neste processo.

Os feedbacks assumem um papel preponderante na aprendizagem, logo o professor deve, desde inicio perceber que tipo de feedback se adequa mais à turma e aos alunos em específico. Sabendo das diferentes formas deste ser aplicado, o professor deve saber em que situação deve aplicar cada tipo de feedback de forma a maximizar as aprendizagens.

Assim, podemos concluir que o professor, tendo em conta as diferentes áreas de intervenção no processo da aprendizagem, deve ter em atenção todos os seus aspectos, pois cada um vai contribuir especificamente para uma área em particular. Para tal, deve definir bem os objectivos e a fase em que os quer alcançar, de maneira a potenciar as aprendizagens dos alunos.

7. Inovação de práticas pedagógicas

Cada unidade didáctica necessita de diferentes práticas pedagógicas, pois cada uma tem um planeamento, objectivos, conteúdos, e avaliação diferente. Neste sentido, acredito que um professor de educação física está sempre a inovar. Isto porque, o professor, tendo em conta o compromisso que assume com a sua turma, tem obrigação de adaptar o processo de ensino-aprendizagem aos seus alunos, à sua turma, à escola e ao meio em que está inserida a escola. Assim, as inovações variam consoante o contexto e a turma.

No que diz respeito à abordagem feita nas diferentes unidades didácticas, procurei sempre uma abordagem que fosse benéfica para os alunos, principalmente para a sua aprendizagem. Tive também uma especial preocupação na forma como avaliava a turma nos diferentes conteúdos.

Nas unidades didácticas em que era abordado um desporto colectivo, procurei sempre usar o modelo do Teaching Games for Understanding. Embora este não seja um modelo completamente novo, ainda não é utilizado com a dimensão que deveria. Desta forma, os alunos mostraram-se sempre mais motivados para a prática, o que nesta turma era muito importante, pois os alunos não tinham especial apreço pela disciplina. Na avaliação destas modalidades, os exercícios utilizados eram exercícios conhecidos pelos alunos, desta forma o processo de avaliação era facilitado tanto para o professor como para o aluno.

No que toca aos desportos individuais, procurei sempre dar dinâmica na abordagem destes, criando grupos de trabalho de maneira a envolver os alunos no exercício, levando a que estes interagissem uns com os outros.

Na abordagem de todas as unidades didácticas optei por diversificar os estilos de ensino, pois assim conseguiria quebrar algumas rotinas e levar a que a turma se sentisse mais motivada. Na avaliação, sempre que possível envolvia os alunos, permitindo que estes colaborassem na avaliação dos colegas ou criando mesmo grupos onde os alunos eram avaliados simultaneamente de forma a que estes se sentissem mais à vontade.

No processo de avaliação, os alunos tiveram sempre um papel activo, pois preencheram as fichas de auto-avaliação, o que lhes permitia realizar um

pouco a análise da sua prestação ao longo do período, ou períodos, consoante o momento da avaliação.

8. Dificuldades sentidas

Durante o Estágio Pedagógico é normal que apareçam dificuldades, devido à pouca experiência ou aos problemas pontuais que surge no dia-a-dia de um professor, estes podem ser causados por diferentes factores. O professor, principalmente o de educação física, devido ao ambiente e a versatilidade da disciplina está exposto a mais imprevistos, no entanto, cabe a este ser capaz de os resolver. Para além deste tipo de problemas, o professor pode também sentir outros tipos de dificuldades, nomeadamente nos factores directamente relacionados com o processo de ensino-aprendizagem, estas podem ser corrigidas com a experiência e com a análise que o professor faz das suas prestações, procurando sempre a mestria.

No início deste estágio, e como já referia anteriormente, já tinha alguma experiência no ensino, particularmente em ambiente de treino, pois sou treinador de futebol há três anos. Devido a esta experiência, posso assumir que muitas dificuldades que poderia sentir inicialmente foram facilmente colmatadas. Ao nível da instrução, senti a necessidade de adaptar a forma como explicava os exercícios e a forma de comunicar com os alunos, pois os ambientes são diferentes e isso leva a que sejam necessários pequenos ajustes. Quanto aos feedbacks, tenho a plena consciência que foi um dos meus pontos fortes, pois dava feedbacks continuamente à turma e bem direccionados. Apesar disto, senti dificuldades em fazê-lo eficazmente na modalidade de ginástica acrobática, devido à falta de experiência, no entanto procurei sempre melhorar aula a aula, através da pesquisa e leitura de documentos sobre a modalidade, estou certo que melhorei o meu conhecimento e prestação nesta área.

Relativamente ao clima, este foi condicionado pela heterogeneidade da turma, por vezes senti alguma dificuldade em criar um clima motivante, onde os alunos se empenhassem e mostrassem interesse. Esta turma mostrava-se pouco motivada para esta disciplina, procurei sempre adaptar estratégias que levassem os alunos a motivarem-se para a prática, tendo por muitas vezes tido sucesso nestas abordagens, o que para mim foi gratificante. No entanto, apercebi-me que nem sempre todos os alunos ficavam motivados ou as

estratégias não resultavam, acima de tudo nas modalidades individuais. Para superar esta dificuldade, foi importante manter-me eu próprio motivado, ter um papel interventivo junto da turma e cativar os alunos para a prática desportiva.

Quanto à avaliação, e ainda para mais sendo esta uma turma do ensino secundário, foi necessário adaptar bem o processo de avaliação, para tal, a ajuda do Professor António Cortesão foi essencial. A avaliação diagnóstica e formativa decorreram de foram normal, tendo a primeira servido, acima de tudo para a boa selecção de objectivos e a segunda para que o processo de avaliação fosse contínuo e adaptação do processo de ensino-aprendizagem. Na avaliação formativa, que aparece como um elemento importante da nota final, foi utilizada a observação. Na avaliação sumativa, procurei sempre ser criterioso neste processo, tendo tido como maior dificuldade a adaptação da avaliação aos objectivos e conteúdos seleccionados e criando meios de facilitação neste processo, de maneira a que os alunos se sentissem o mais à vontade possível e alcançassem resultados justos. Para facilitar o processo de avaliação foram criadas grelhas de avaliação para cada modalidade, onde estavam especificados os conteúdos, nesta foi criada uma pré-classificação para simplificar a atribuição de uma nota correspondente ao nível do aluno.

Nos que respeita a factores externos que podem condicionar uma aula de educação física, por exemplo o tempo, não senti grandes dificuldades, pois tinha sempre um plano secundário quando estava sujeito a imprevistos, para assim poder colmatar alguma situação.

Devido ao compromisso assumido com a aprendizagem dos alunos, é importante para um professor acompanhar a evolução da turma nas diferentes modalidades, para tal é necessário um acompanhamento da turma. Obviamente que não é fácil acompanhar uma turma de 24 alunos, para tal foi necessário um grande esforço da minha parte e procura de soluções para melhorar como professor e melhorar o processo de ensino-aprendizagem. Nesta perspectiva, é de extrema importância que, como professor tenha sempre a noção que estamos sempre num processo de formação contínua de modo a estar sempre preparado para ultrapassar as dificuldades com sucesso.

9. Questões dilemáticas

Estas questões predem-se com a exequibilidade e a coerências dos processos que realmente devem ser levados a cabo no processo de ensino-aprendizagem. Ao longo do Estágio Pedagógico deparei-me com situações e questões dilemáticas, que tive que aprender a contornar da melhor forma.

Começando pelo Programa Nacional de Educação Física que nem sempre se adequa ao nível da turma nem confere o mínimo de viabilidade nos objectivos que sugere. Neste aspecto foi importante a adequação que por mim foi feita, tendo em conta o nível da turma e os recursos disponíveis. No entanto, antes de cada adaptação feita individualmente pelos professores, é necessário que o Departamento de Educação Física perceba realmente como pode cumprir da melhor forma o Programa, que matérias pode seleccionar, tendo em conta os espaços e números de turma na escola, obviamente que este trabalho exige um grande esforço por parte de todos os professores que normalmente têm que procurar soluções alternativas.

Os espaços para a leccionação das aulas pode também ser um entrave no processo de ensino-aprendizagem, quando estes não são suficientes para que todas as turmas tenham aulas simultaneamente. No caso da Escola Secundária José Falcão isto não ocorreu muitas vezes, pois esta dispõe de diversos espaços para a leccionação. Nas diferentes vezes em que me deparei com esta situação consegui resolver o problema com sucesso.

Depois destas duas questões, a que levantou mais discussão, acima de tudo dentro do grupo de estágio, foi a forma de avaliação. Esta foi discutida com vista a que esta fosse o mais justa possível, tendo em conta os parâmetros que esta avalia, conhecimento e desempenho, atitudes e valores, e aptidão física. Esta varia de turma para turma, embora ambos leccionássemos ao 10º ano, os objectivos seleccionados foram diferentes. A principal de questão na avaliação colocava-se na forma de avaliação dos alunos que apresentavam atestados ou faltavam com frequência. Concluímos que a realização de testes e trabalhos para as modalidades em que não haviam dados suficientes para a avaliação, seria a melhor forma para que o processo fosse realizado de foram justa.

Durante o ano lectivo, estas foram as principais questões dilemáticas com que me deparei, pois o ambiente na escola em que estagiei é favorável à boa leccionação e os pequenos problemas são facilmente revolvidos, acima de tudo devido às boas relações entre os professores de educação física. Mais questões se poderiam colocar relativamente ao processo de ensino-aprendizagem, no entanto, muitas delas foram discutidas com o grupo de estágio tendo sido encontradas soluções simples, em que o problema era facilmente resolvido.

10. Conclusões

10.1 - Impacto do Estágio na realidade do contexto escolar

Acredito que o Núcleo de Estágio é uma mais-valia para qualquer escola, pela dinâmica que trás ao Departamento de Educação Física, pelas actividades que desenvolve, pelas vivências e pelas aprendizagens que realizamos e pelas que proporcionamos, aos restantes professores, pois um professor está em constante aprendizagem.

Acima de tudo o impacto d grupo de estágio verificou-se nas duas actividades que desenvolvemos, estas envolveram a comunidade escolar, alunos participantes, professores voluntários para a organização e funcionários que se mostraram prestáveis no auxílio. Foi com satisfação que verificamos a abertura para as actividades propostas, estas foram importantes, pois levaram à nossa aproximação a toda a comunidade escolar.

Queria também destacar o quão bem recebidos fomos na Escola Secundária José Falcão, os professores mostraram-se sempre prestáveis a ajudar e colaborar connosco. Pra além da disponibilidade dos professores de educação física, foi de bom grado que participamos nas três acções de formação que foram desenvolvidas por professores especialistas em áreas de intervenção de elevada importância no meio escolar. Isto mostra a boa receptividade desta escola ao estagiários e ao quanto estes contribuíram para a nossa evolução.

10.2 – Prática pedagógica supervisionada

O papel do orientador pedagógico no Estágio é sem dúvida essencial, para que este corra da melhor forma e, acima de tudo, para que a nossa evolução seja maximizada, conduzida e orientada de forma coerente. Este teve um papel essencial nas minhas aprendizagens como futuro professor de

Educação Física, ajudou-me a ultrapassar as dificuldades e a aperfeiçoar a minha acção pedagógica.

Concretamente, o Professor António Cortesão, que teve o papel de orientador na escola, coordenou e supervisionou todo o nosso trabalho, dando-nos a liberdade na condução do processo de ensino-aprendizagem. Desta forma, tivemos uma aprendizagem baseada na aprendizagem guiada, deu-nos autonomia, isto levou a que os nossos conhecimentos e capacidades como professor aumentassem. O professor teve sempre um papel muito presente, deu sempre a sua opinião relativamente aos factores positivos e negativos das minhas aulas, dando-me também linhas orientadores sobre como deveria proceder nos diferentes processos de ensino-aprendizagem. Este teve também um papel preponderante nas actividades levadas a cabo pelo grupo de estágio, deu-nos conselhos sábios para que estas corressem da melhor forma possível.

Quanto ao Orientador indicado pela Faculdade, a Professora Maria João Vasconcelos, observou algumas aulas e nestas teve um papel crítico muito importante, tocando em pontos fulcrais que claramente me fizeram pensar e reflectir, como melhorar a minha prestação como professor. Teve sempre um papel activo no controlo do nosso estágio, mostrando interesse disponibilidade para ajudar.

10.3 – Experiência pessoal e profissional

Considero que esta tenha sido a experiência mais gratificante na minha formação até hoje, tanto numa perspectiva profissional como pessoal. Esta superou claramente as minhas expectativas, acima de tudo porque me colocou a prova, fez-me evoluir e profissionalmente.

A variedade de situações que o estágio me proporcionou foram sem dúvida essenciais, pois fizeram-me reflectir sobre os conhecimentos anteriormente aprendidos. Não por estes serem incorrectos, mas porque finalmente tive oportunidade de os colocar em prática e isso faz-nos repensar a teoria e a forma como este deve ser aplicada na prática. A minha visão de pedagogia e de pedagogo sofreu alterações, acima de tudo porque estive

envolvido num ambiente escolar, percebi que este papel é difícil, não é simples, o professor tem que se ajustar às diferentes turmas, alunos e situações. Nesta perspectiva posso dizer que o foi mais gratificante foi adaptar os conceitos à minha turma, aos meus alunos, é este papel de estratega que nos faz acreditar no real papel do professor e no importância deste no futuro dos alunos, nas aprendizagens que estes realizam.

No entanto, sei que o meu processo de formação como professor ainda está longe de estar completo, aliás, depois desta experiência, acredito que o professor nunca pode dar como completo o seu processo de aprendizagem. Este deve estar sempre aberto a novas ideias e perspectivas de ensino, pois a formação de um professor dura toda a vida.

11. Tema

Aplicação do modelo de ensino "Teaching Games for Understanding" tendo em conta o currículo dos alunos.

O tema por mim escolhido foi o ensino dos jogos desportivos colectivos, tendo em conta o modelo Teaching Games for Understanding e as condicionantes da sua aplicação. Este modelo defende que os jogos desportivos colectivos devem ser ensinados através de jogos condicionados, no entanto, o currículo dos alunos pode ser um entrave a esta aplicação, pois pode colocar-se a questão, como adaptar este modelo aos diferentes currículos dos alunos?

11.1 – Fundamentação Teórica

O ensino dos jogos desportivos colectivos não é tão linear como parece, e se pretendermos usar o modelo em causa como meio de ensino ainda menos, pois são muitos os factores que podem condicionar a aprendizagem.

Para que se compreendam os Teaching Games for Understanding (TGfu), é importante que saibamos como e onde, surgiu este modelo, pois só assim saberemos a real origem do problema que levou à sua criação. O modelo TGfU foi criado na Universidade inglesa de Loughborough e tem como fundadores Rod Thorpe e David Bunker, aos quais se juntaria um pouco mais tarde a Len Almond (Bunker & Thorpe, 1982; Bunker & Thorpe, 1986 Bunker). No início dos anos 60 a "equipa de jogo" em Loughborough, particularmente Allen Wade, Eric Worthington e Stan Wigmore, pediram aos seus alunos para considerar os benefícios do jogo reduzido, trabalho com redes e jogos condicionados, no ensino de jovens alunos em Educação Física. Talvez de maior importância, tenha sido a sugestão, que os jogos de técnica deveriam ser

ensinados através dos princípios de jogo. (mais tarde algumas dessas ideias foram formalizadas por Allen Wade no seu livro "O guia de Formação e Treino para a F.A. (1967)").

Em 1968, foi dito por um destes impulsionadores que os materiais deviam ser adaptados para os alunos menos hábeis, foi nesta altura que Rod Thorpe fugiu um pouco das técnicas base do jogo e realizou uma aproximação cognitiva ao jogo. Em 1972, David Bunker, confrontou os seus alunos na aula de Educação Física com os principais problemas do jogo. Não muito tempo depois, reuniu-se uma equipa para identificar os elementos centrais nos jogos e as diferenças entre eles, este foi o grande ponto de viragem, pois forcou os investigadores a darem importância à "compreensão" que implica o jogo. Assim, surgiu o primeiro modelo dos TGfU.

A única maneira de provar que os TGfU realmente trariam resultados, seria pô-lo em prática nas escolas, assim, foram abordados professores para aplicarem este modelo e darem o feedback de volta com os resultados e no que poderia melhorar. Em 1984 este modele foi apresentado à pré-Conferência Olímpica em Eugene, Oregon e foi publicado, embora tenha sido uma pequena publicação, no Human Kinetics:

"For the moment, and only for the moment, we are happy to accept a comment made in the introduction to our article in the South Australian P.E. Bulletin 1984: "the idea of progressing from tactics to skills, or from why? to how? rather than vice versa, is not new, but its organisation and application has not previously been made coherent".

Este modelo surge como reacção à abordagem tradicional ao ensino dos jogos demasiado centrado nas técnicas descontextualizadas, na qual o ensino efectivo do jogo, enquanto tal, está na maior parte das vezes ausente ou confinado a uma supervisão genérica de manutenção da ordem. A primeira preocupação do TGfU é evitar a alienação do jogo, colocando aos alunos questões da ordem “do que fazer” e “quando fazer” e não apenas “do como fazer”. O contexto de jogo e o significado das acções, “os porquês”, têm precedência sobre a técnica, justificam a sua oportunidade e adequação. O TGfU preconiza deste modo uma viragem fundamental no sentido da compreensão táctica do jogo. É um modelo centrado no jogo e no aluno, por isso mesmo tem como ponto de partida absolutamente fundamental a escolha

da forma de jogo a apresentar aos alunos. Interessa-lhe uma forma de jogo cujas dificuldades técnicas inerentes não sejam de todo impeditivas de o aluno encarar a situação de jogo de uma forma inteligente, seja capaz de interpretar as situações, de perceber possibilidades de acção e de agir com intencionalidade, tendo em vista os objectivos do jogo.

Dado que em geral as formas de jogo adultas são demasiado complexas, o modelo dá preferência a formas de jogo modificadas de acordo com princípios pedagógicos de classificação dos jogos – similaridades e diferenças entre os jogos, representação dos mesmos, através de uma vinculação cultural do jogo, facilitação da compreensão táctica e complexidade táctica, adequação das formas de jogo à capacidade de jogo dos alunos. Devido às evoluções metodológicas no ensino dos jogos desportivos colectivos, os jogos reduzidos, passaram a ocupar papel de destaque no ensino, pois estes permitem o desenvolvimento global das qualidades inerentes ao jogo, (Veleirinho, 1999), sendo assim, possível atingir adaptações específicas que emergem do contexto de jogo (Castelo, 2000). A partir dos jogos reduzidos é possível desenvolver as vertentes tácticas (Garganta, 1997; Costa, Garganta, Greco & Mesquita, 2009b; Figueira & Greco, 2008), técnicas (Matta & Greco, 1996; Platt, Maxwell, Horn, Williams, & Reilly, 2001; Grant, Williams, Dodd, & Johnson, 1999) e físicas (Reilly, 2005, Rampini et. al., 2007). Para isso, professores vêm optando pela utilização de infinitas formações, alterando-se o tamanho do campo, tempo e número de jogadores, permitindo a incorporação deste método aos mais diversos objectivos de uma aula (Veleirinho, 1999; Graça, 1994). Em função da aleatoriedade, imprevisibilidade e variabilidade dos comportamentos no jogo (Garganta & Oliveira, 1996), essa forma de entendimento da táctica concede relevância para todas as movimentações dos jogadores que são norteadas por princípios tácticos de jogo (Costa, Garganta, Greco, & Mesquita, 2009c), ou seja, promove um desenvolvimento cognitivo em relação ao jogo. Eles compreendem um conjunto de normas de orientação que viabilizam a possibilidade de atingir soluções para os problemas decorrentes do jogo (Garganta & Pinto, 1994; Wilson, 2002).

O TGfU apresenta características congruentes com a perspectiva construtivista da aprendizagem, ao perspectivar que, as novas aprendizagens dos alunos são feitas a partir de conhecimentos anteriores. A promoção da

compreensão não se limita simplesmente a recordar fatos memorizados ou à execução de habilidades tácticas, utiliza preferencialmente problemas tácticos em situações de jogo, com efeito a ênfase na aprendizagem cognitiva antes da execução motora está fortemente baseada nas teorias construtivistas de aprendizagem. O modelo TGFU acolheu perfeitamente as ideias construtivistas sobre o papel do aluno no processo de aprendizagem, colocando-o numa posição de construtor activo das suas próprias aprendizagens, valorizando os processos cognitivos, de percepção, tomada de decisão e compreensão. Se é verdade que hoje em dia quase todos os professores de Educação Física têm consciência do quanto é fundamental ensinar as habilidades tácticas como as habilidades técnicas nos jogos desportivos, também é patente que têm dificuldades na ligação destes dois componentes do jogo, principalmente quando realizam a prática isolada das habilidades técnicas e não as conseguem transferir para o cenário do jogo (Bunker & Thorpe, 1982).

O TGfU são uma metodologia que incentiva à actividade física, compromisso e prazer, ao mesmo tempo que promove uma maior compreensão dos aspectos encontrados em jogos estruturados (Forrest et. Al., Sd). O TGfU coloca uma ênfase no jogo, onde os problemas tácticos e estratégicos são colocados num ambiente de jogo modificado (Webb & Thompson, 1998). Uma pesquisa feita por P. Weeb e P. Pearson, mostra que o TGfU é um modelo orientado para que exista uma tomada de decisão. Isto faz com que, o resultado desejado da actividade seja ensinado antes das habilidades especificamente exigidas, isso permite que os alunos vejam o raciocínio por trás das habilidades que vão aprendendo.

Percebe-se então, que o TGfU foi concebido para encorajar os alunos a se tornarem mais despertos tacticamente, para que melhorem a sua tomada de decisão durante o jogo propriamente dito. Para além disto, também obriga a que estes pensem o jogo estrategicamente, o que faz com que estes desenvolvam habilidades específicas tendo em conta o contexto do próprio jogo. Assim, percebe-se que os TGfU não esquecem as habilidades específicas, estas apenas passam a ser treinadas em situação de jogo, o que aumenta a motivação, os alunos divertem-se enquanto as praticam, o que não acontecia se estas fossem trabalhadas separadamente do jogo. Segundo Tim Hopper and Darren Kruisselbrink. Submitted AVANTE, July 2002, “A chave dos

jogos de aprendizagem são os TGfU, este modelo promove jogos que auto-impulsionem a motivação, o que aumenta a habilidade."

O modelo TGfU inicial, de (Bunker & Thorpe, 1982), pretendeu que a atenção tradicionalmente dedicada ao desenvolvimento das habilidades se deslocasse para o desenvolvimento da capacidade do jogo, subordinando o ensino da técnica à compreensão táctica do jogo. Embora sem estar testada em termos de pesquisa de investigação, a força do modelo de ensino do jogo para a compreensão é o enfoque que faz sobre a consciência táctica e o processo de tomada de decisão antes da escolha da técnica a utilizar e a execução propriamente dita (Turner & Martinek, 1995).

A investigação deste modelo, TGfU, tem vindo a ser aprofundada ao longo do tempo, pois cada vez mais percebemos a importância e benefícios que este tem na compreensão do jogo, para que os alunos o joguem da melhor forma possível. Tendo como centro deste projecto os TGfU, e sabendo que este transporta o aluno para o jogo, o professor vê-se obrigado a estruturar a aula de maneira a que os objectivos deste modelo sejam alcançados, no entanto, existem condicionantes, que na prática tornam difícil a sua aplicação.

11.2 – Justificação da temática

O estudo e análise deste modelo de ensino tem como objectivo principal responder a uma questão, se é possível aplicar sempre este modelo, isto porque o nível dos alunos pode não permitir a aplicação do mesmo. Assim, pretende-se saber qual a melhor forma de aplicação do TGfU. Para tal, será necessário uma análise mais aprofundada aos factores que podem condicionar a aplicação do TGfU em contexto escolar. Aqui pode ser feita uma distinção por temas, tendo cada tema diferentes categorias, as que o professor pode controlar e as que não pode controlar. Dentro das categorias controláveis pelo professor podemos incluir, a estruturação do plano de aula, a escolha do exercícios e as próprias atitudes do professor. O currículo dos alunos, o seu historial, as suas habilidades físicas e capacidades cognitivas, não são controláveis pelo professor. Por fim, aparecem determinados factores que

dependem ao mesmo tempo dos alunos e do professor, da capacidade que este tem de transportar os alunos para a aula, de os motivar, onde está inerente a vontade e capacidades dos alunos.

Esta análise será muito útil para que perceba de que forma se pode tirar todo o partido deste modelo, perceber onde realmente o professor pode melhorar para que os seus alunos vejam as suas habilidades e conhecimento dos Jogos Desportivos Colectivos aumentarem.

11.3 – Análise do problema e objectivo

Depois de fundamentado o modelo do Teaching Games for Understanding, facilmente percebemos que este tem benefícios no processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Esta experiencia como professor, fez-me perceber que é essencial um bom planeamento, para que o professor consiga ter um melhor controlo dos processos de ensino-aprendizagem e estratégias a aplicar. Isto irá facilitar o decorrer da aula e aumentará as probabilidades de sucesso da mesma. Sendo que estes são os factores controláveis pelo professor, este deve ter em conta os que não são controláveis por si na aplicação deste modelo. O currículo dos alunos, as suas habilidades físicas e capacidades cognitivas aparecem como factores que este não pode controlar. Sabendo que este modelo exige que o ensino dos jogos desportivos colectivos seja através de jogos condicionados, coloca-se a questão sobre os alunos que tem níveis de desempenho baixo, pois neste caso é ainda mais difícil realizar os gestos técnicos em situação de jogo.

Assim, a análise deste modelo tem como objectivo perceber quais as soluções que um professor tem quando se depara com uma turma com baixo nível. Visto que este modelo é benéfico na aprendizagem dos conteúdos técnicos e tácticos, deve ser aplicado pois permite a exercitação de muitos mais conteúdos.

11.4 – Casos particulares

Durante o Estágio Pedagógico foram abordados três modalidades colectivas, voleibol, basquetebol e andebol. Sendo que cada uma destas modalidades tem as suas especificidades, é importante explicar que estratégias e tipo de exercícios foram utilizados nas aulas.

a) Basquetebol e Andebol

Estas modalidades, embora tenham objectivos e conteúdos diferentes, na sua abordagem foram utilizadas estratégias similares. Como é óbvio foi sempre privilegiado o modelo dos teaching games for understanding, este modelo foi seguido conforme ele é sugerido, utilizado jogos reduzidos e condicionados. Desta forma, e devido ao facto da maioria dos alunos apresentarem um nível elementar, foi possível aplicar este tipo de exercícios, apenas foram dados exercícios analíticos em situação de aquecimento.

Foi notável a evolução dos alunos, principalmente nos conteúdos tácticos, pois tal como sugere o modelo, com a aplicação deste os alunos exercitam ambas as componentes, técnico-tácticas.

b) Voleibol

Nesta modalidade, devido à exigência técnica dos conteúdos, por vezes estes foram abordados com exercícios analíticos, mas apenas numa fase inicial. A partir do momento que o aluno percebia as componentes críticas, estes passavam exclusivamente a realizar exercícios em foram de jogo, pois exercitavam mais conteúdos desta forma.

No voleibol senti necessidade de adaptar este modelo devido ao baixo nível técnico que os alunos apresentavam, poi os conteúdos básicos para o jogo, passe e manchete, ao contrário do que acontece no basquetebol e andebol, não tem nenhum padrão motor como base, logo aumenta a dificuldade de execução. Posto isto, e após a percepção por parte dos alunos,

os exercícios foram todos em forma de jogo condicionado, foi notório a evolução dos alunos, pois desta foram eles estavam sujeitos aos factores do jogo.

11.5 – Conclusão

Griffin, Mitchell e Oslin (1997) fornecem três argumentos de peso que justificam o emprego deste modelo de ensino. O primeiro é relativo ao interesse e entusiasmo dos alunos no jogo e nas formas jogadas, utilizando-os como um factor positivo de motivação e como tarefas predominantes na estrutura do modelo. Assim, os alunos encontram-se sempre a jogar o jogo em causa, ou uma forma parecida, mantendo níveis elevados de interesse e entusiasmo. Segundo, o conhecimento é capacidade que permite aos alunos serem melhores jogadores a partir da melhoria da sua compreensão do jogo, e, simultaneamente, menos dependentes do professor nas tomadas de decisão e na sua participação no jogo. E terceiro, os alunos podem transferir a sua compreensão e execução entre os vários jogos desportivos com as mesmas características. Como os jogos dentro da mesma categoria contêm muitos problemas tácticos similares, é possível o ensino dos conceitos do jogo de maneira a que os alunos possam transferi-los para jogos semelhantes, reduzindo o tempo necessário para se tornarem proficientes em novos jogos desportivos.

O estudo de Griffin, Mitchell e Oslin permite-nos chegar à conclusão que este tipo de ensino era mais motivante, o que fazia com que o pré-disposição deste para a prática e para o tempo de prática aumenta-se, o que fazia com que houvesse melhorias a nível táctico e técnico, sempre com formar jogadas. A motivação e a diversão, são dois factores que estão interligados entre si, para além disso tem interferência directa na aprendizagem, isto porque caso haja motivação para a prática, a diversão pode ser muito maior e caso seja proporcionada uma situação de diversão pode surgir motivação. Para além disso, permite o “transfer” de modalidade para modalidade.

Após a análise deste, consigo concluir que os factores que condicionam a aplicação deste tema por mim referenciados, fazem todo o sentido tendo em conta a problemática por mim escolhida. Sabendo de todas as condicionantes que os professores enfrentam hoje em dia, as limitações que enfrentam ao nível de instalações e o facto de cada vez mais as turmas serem heterogéneas, é necessário adaptar a aula aos alunos de maneira a maximizar as habilidades e capacidades de cada aluno em específico. Depois de toda a bibliografia que foi utilizada, e tendo em conta os objectivos do Programa Nacional de Educação Física, que deve promover a cooperação e os aspectos cognitivos que implicam o jogo, mais propriamente os jogos desportivos colectivos, o modelo de Teaching Games for Understanding aparece como linha de orientadora para cumprir estes objectivos. Para tal, este deve ser utilizado da maneira correcta, de acordo com os estudos que foram realizados até agora.

No entanto, e como já foi dito, a aplicação pode não ser tão linear devido às condicionantes que estão implícitas na sua utilização. Na sua aplicação devemos, acima de tudo, considerar os aspectos que o professor não pode controlar, pois são esses que realmente vão influenciar no alcance dos objectivos a que se propõe. Estes foram identificados, assim e se soubermos como ultrapassá-los, a única coisa que pode condicionar é os factores que são controláveis pelo professor. Todos estes devem ter grande atenção por parte do professor, pois só assim ele conseguirá alcançar o que pretende. O professor deve preocupar-se com o antes, durante e após, saber das necessidades dos suas alunos, e adaptar essas necessidades aos objectivos do TGfU, que vão de encontro ao que deve ser feito por um professor segundo o Programa Nacional.

12. Bibliografia

- Bento, J. O. (1998). Planeamento e Avaliação em Educação Física. Livros Horizonte. 2ª Edição Lisboa.
- Machado, A. A. (1995). Interacção: um problema educacional. De Lucca, E. Psicologia educacional na sala de aula. Litearte.
- Gomes, M. (2004). Planeamento em Educação Física.
- Bento, Jorge Olimpo (2003). Planeamento e avaliação em Educação Física.
- Siedentop, Daryl (1998). Aprender a enseñar la Educacion Fisica. 1ª Edicion.
- Piérron, Maurice (1996). Formação de professores – aquisição de técnicas de ensino e supervisão pedagógica. Edições FMH, Lisboa.
- Cohen, D. K.; Raudenbush, S. W.; ball, d.l. resources, instruction, and research educational evaluation and policy analysis
- Godinho, M.; Mendes, R.; Barreiros, J. Informação de retorno e aprendizagem. Horizonte. Lisboa: livros horizonte, v. 11, n. 66, p. 217-220, mar./abr. 1995.
- McGown, C. O ensino da técnica desportiva. Treino desportivo. ii série, n. 22, p. 15-22, dez. 1991.
- Pérez, L. M.; Bañuelos, F. S. Rendimiento deportivo: claves para la optimización de los aprendizajes. madrid: gymnos, 1997.
- Ribeiro, L. (1999). Avaliação da aprendizagem. Texto Editora, Lisboa.
- Hassandra, Maria., Goudas, Marios (2001). University of Thessaly, Department of Physical Education and Sports, Karies, Trikala, Greece.
- Alison, S., Thorpe, R. (1997). A comparison of the Effectiveness of two approaches to teaching games within physical education. A skills approach versus a games for understanding approach. The British Journal of Physical Education, 28(3), 9-13.
- Graça, Amândi., Mesquita, Isabel. A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos, O ensino dos jogos para a compreensão.

- Webb, P., Pearson, P. University of Wollongong. An Integrated Approach ti Teaching Games for Understanding.
- Thorpe, Rod., Bunker, David., Almond, Len. Rethinking Games Teaching
- Pearson, Phill., Webb, Paul (2008). University of Wollongong. Developing Effective Questioning in Teaching Games for Understanding (TGfU). Presented at !st Asia Pacific Sport in Education Conference, Adelaide.
- Thorpe, Rod., Bunker, Cavid. Landmarks on our Woy to “Teaching for Understanding”.
- Graça, Amândio (2006). Faculdade de Desporto, Uni. Porto. A instrução como processo. XI Congresso Ciências do Desporto e Educação Física dos países de língua portuguesa.
- Corrêa de Souza, Carlos (2010). Faculdade de Desporto da UP. Desporto Crianças e Jovens, Análise do Comportamento Táctico no Futebol: Estudo em função do estatuto posicional e Análise da eficácia das sessões de treino sobre o aprendizado de jogadores.